

## **As Ciências Sociais e a Pragmática: diálogos sobre a recepção<sup>1</sup>**

Liráucio Girardi Júnior

Professor titular da disciplina Sociologia Geral e da Comunicação e pesquisador do Centro Interdisciplinar de Pesquisa (CIP) na *Faculdade Casper Líbero*<sup>2</sup>

### **Resumo**

Trata-se de um levantamento e avaliação crítica da produção teórica sobre a questão da comunicação e da recepção nas ciências sociais, em seu diálogo com a teoria literária e a pragmática. Este trabalho retoma um projeto seminal do prof. Gabriel Cohn, quando anunciou, em sua obra *Sociologia da Comunicação*, o encontro dessa área de estudos com a Pragmática. Por meio do diálogo proposto acima, entendo que seja possível delimitar a importância de uma *communication turn* nas Ciências Sociais e, ao mesmo tempo, mostrar como as ciências sociais contribuem na identificação das condições sociais de produção de sentido no consumo cultural e nas condições necessárias para sua eficácia simbólica. No caso latino-americano esse trajeto não pode deixar de passar pela análise crítica da teoria das mediações. Este trabalho destaca a importância de uma inflexão sociológica.

### **Palavras-chave**

Mediações; Ciências Sociais; Pragmática; eficácia simbólica; *habitus*

Neste texto, direcionado ao NP Teorias da Comunicação, pretendo apresentar algumas considerações críticas sobre o modo pelo qual a questão da comunicação e, particularmente, da recepção tem sido pensada nas Teorias das mediações e em algumas análises da Teoria Literária.

Procuo desenvolver uma reflexão sobre as condições sociais que permitem certa *eficácia simbólica* (Mauss, 2003 e Levi-Strauss, 1985 Bourdieu, 1983, 1987, 1996) quando da produção de sentido no ato de fruição ou recepção de bens simbólicos. A contribuição que a teoria literária, por meio da *Estética da Recepção* (Lima, 2002) trouxe para o entendimento desses processos pode ser diretamente percebida na teoria das mediações

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado ao NP TEORIAS DA COMUNICAÇÃO, do VI Encontro dos Núcleos de Pesquisa da Intercom

<sup>2</sup> Doutor em Sociologia pela FFLCH/USP em 2004. Tese na área de Sociologia da Comunicação/Sociologia da Cultura: *O campo da comunicação e a sociologia de Pierre Bourdieu*. Professor da disciplina *Sociologia Geral e da Comunicação* na Faculdade *Casper Líbero* e *Universidade IMES – S.C. do Sul*. Coordenador das disciplinas concentradas na área de Cultura e Comunicação na Faculdade Casper Líbero (2003-2005); Pesquisador do Centro Interdisciplinar de Pesquisa (CIP) na Faculdade Casper Líbero.

(Martín-Barbero, 1995, 1997) e nos desdobramentos dos chamados *Estudos Culturais*, representada por Stuart Hall (2003).<sup>3</sup>

Este é um exercício de diálogo, em busca de possíveis pontos de articulação para um efetivo projeto interdisciplinar que, no meu entender, efetivam-se por meio de uma rede, ou seja, diversos *pontos de articulação* de objetos, formulação de problemas, premissas, metodologias etc.<sup>4</sup>

As hipóteses iniciais, que orientam as reflexões deste texto, são as seguintes:

a.) faltaria a algumas correntes da teoria literária uma atenção maior quanto às condições sociais da chamada *eficácia simbólica* dos bens culturais e b.) nos estudos de recepção latino-americanos, faltaria uma melhor definição do significado dado à noção de mediação.

Entendo que uma retomada do diálogo com alguns clássicos das ciências sociais poderia contribuir nesse sentido. Ao menos, no mapeamento das principais questões que permanecem de alguma forma em aberto nessas teorias. Trata-se sugerir uma inflexão sociológica, ao abordar a comunicação a partir de alguns referenciais teóricos das ciências sociais, tomando-os como articuladores da reflexão interdisciplinar. Para fazer essa espécie de *communication turn*, as ciências sociais devem ser obrigadas a responder questões fundamentais sobre o papel da linguagem e da comunicação na construção social da realidade. Devem, portanto, aproximar-se da proposta seminal de Gabriel Cohn (1973) rumo à Pragmática.<sup>5</sup>

No clássico texto de Blumer (*In: Mortensen, 1980*), já podem ser encontradas as principais premissas que orientam as Ciências Sociais nesse sentido: a) nossa ação no mundo está ligada à nossa capacidade de produção de sentido a respeito desse mundo, b) esses sentidos são produzidos socialmente, isto é, na interação social e c) são experimentados no cotidiano em processos de interpretação, que podem adequar-se às mais variadas situações do cotidiano.

A capacidade social de produção de *coisas* carregadas de sentido depende da nossa capacidade de produção simbólica, depende de tudo aquilo que é capaz de estabelecer os *limites* dessas coisas, capaz de estabelecer *fronteiras*, ou seja, linguagem: “O

---

<sup>3</sup> É importante notar que a nova sociologia, que inspirou inicialmente o surgimento dos Estudos Culturais, no Centro de Cultura Contemporânea de Birmingham (Hogart e Williams), veio justamente do Departamento de Letras.

<sup>4</sup> O primeiro contato com esses estudos já pode ser notado em trabalho de doutorado deste pesquisador (Girardi Jr., 2004)

<sup>5</sup> Faz-se necessária a lembrança da grande contribuição de professor Luís Costa Lima e seu extenso trabalho interdisciplinar.

interacionismo simbólico defende a hipótese de que os ‘universos’ acessíveis aos seres humanos e seus grupos compõem-se de ‘objetos’, e que estes são produto da interação simbólica. Entende-se por objeto tudo que for passível de ser indicado, evidenciado ou referido...” (Blummer, In: Mortensen, 1980 p. 127)

No processo de socialização, a aprendizagem da linguagem, a aquisição da competência social para falar, é incorporada na construção do que George H. Mead chamou de *self*, na capacidade de nos pensarmos localizados em posições e situações sociais e na capacidade de pensar os lugares e os papéis socialmente reconhecidos dos outros. Os indivíduos são capazes de reconhecê-los, por serem capazes de representá-los socialmente. Na interação social, os agentes sociais adquirem, pela experiência do mundo, a competência social necessária para que se constituam como pessoas dotadas de *voz*: “De forma ampla, ‘voz’ é usada metaforicamente para qualquer atividade relativa ao *uso da linguagem*.” (Mey, 2001).<sup>6</sup>

A produção social de sentido garante gera a *doxa*, uma percepção do mundo que se institui como auto-evidente e que, em sua auto-evidência, constitui-se como verdadeira força simbólica entre os falantes e fruidores/consumidores de bens simbólicos. Essa experiência do mundo social, que se transforma em *doxa*, define não somente o espaço dos possíveis da fala como as posições que os sujeitos devem ocupar e as disposições que devem ter para poder falar. Dizendo de outra forma, ela cria as condições sociais necessárias ou reconhecidas para falar com autoridade ou para estar autorizado a falar sobre certas coisas.

A auto-evidência da *doxa* nas práticas cotidianas é produzida na linguagem/interação social como *força simbólica*. A luta pelo sentido é a luta pela constituição de um mundo auto-evidente, simbolicamente reconhecido por meio das palavras e da autoridade e reconhecimento (implícito) daqueles que as usam (Bourdieu, 1983, 1987, 1996a, 1997).

Assim, o processo de comunicação não consiste apenas na simples troca de significados, na construção de fronteiras, mas constitui-se como uma forma específica de *poder simbólico*, ou seja, todo ato de fala ou de produção de sentido vem acompanhado de

---

<sup>6</sup> “As palavras que usamos *definem* nosso mundo, no sentido original do termo, ‘criando uma fronteira, um limite’ (...) as vozes dos humanos são os instrumentos constitutivos sobre os quais se funda, em última instância, a orquestração da sociedade. Como personagens sociais e agentes, os humanos ‘inventam’ e estruturam a maneira como querem viver, mas também estão sujeitos às suas próprias criações...” (Mey, 2001 p. 25 e 27)

um processo de validação e de avaliação. Produz-se não apenas sentido, mas valor e poder no ato de fala:

“...a crítica sociológica submete os conceitos lingüísticos a um tríplice deslocamento, substituindo: a noção de *gramaticalidade* pela de *aceitabilidade* ou, se quisermos, a noção de língua pela noção de língua legítima; as *relações de comunicação* (ou de interação simbólica) pelas *relações de força simbólica* e, ao mesmo tempo, a questão do *sentido* do discurso pela questão do *valor* e do poder do discurso; enfim e correlativamente, a competência propriamente lingüística pelo *capital simbólico*, inseparável da posição do locutor na estrutura social.”(Bourdieu, 1983 p. 157)

As sociedades envolvem-se em uma rede simbólica, em instituições, que transformam os atos de fala em atos de *força*, em ação, construindo as condições sociais, isto é, institucionais, de uma ordem simbólica (Castoriadis,1987; Marcondes, 1992). Voltamos sempre a uma indicação seminal de Marcel Mauss sobre a magia:

“Em semelhantes casos, o mágico não pode ser concebido como um indivíduo que age por interesse, a seu favor e por seus próprios meios, mas como uma espécie de funcionário investido, pela sociedade, de uma autoridade na qual ele próprio é obrigado a crer. De fato, vimos que o mágico era designado pela sociedade, ou iniciado por um grupo restrito, ao qual esta delegou seu poder de criar mágicos. Ele tem naturalmente o espírito de sua função, a gravidade de um magistrado; é sério porque é levado a sério, e é levado a sério porque se tem necessidade dele” (Mauss, 2003: pág. 131).

É preciso perceber também que na representação do mundo, a ordem simbólica não é dada sem conflitos. Michel de Certeau (1994) procura identificar uma espécie de dupla natureza das práticas sociais: a.) aquela que chama de *táticas* (resistências que não encontram formas adequadas de registros), que não podem ser facilmente classificadas e não encontram formas reconhecidas para se apresentar na luta pela institucionalização. Muitas vezes, essas táticas são identificadas como *ruídos* na esfera pública (Girardi Jr., 2005) e b.) aquela que chama de *estratégias*, empregadas pelos atores sociais, que podem ser configuradas, organizadas, comparadas, etc. que acabam encontrando na maioria das vezes seus porta-vozes.

A questão da linguagem e da comunicação passa necessariamente por uma cuidadosa reflexão sobre a teoria da ação.

## O campo da comunicação e as Ciências Sociais

O campo da Comunicação na América Latina sofre sérias transformações a partir das novas orientações teóricas que passam a dominar o campo das Ciências Sociais nos anos 70-80, sendo que muitas dessas transformações devem muito à influência de modelos Lingüísticos. Além disso, uma nova conjuntura apresentava-se, momento em que os novos movimentos sociais passaram a desempenhar um importante papel nos processos de democratização e luta contra as ditaduras no continente.

Esse vínculo entre Ciências Sociais e Comunicação teve seu início nos anos 70 com os trabalhos de alguns pesquisadores da Sociologia da Comunicação no FFLCH-USP<sup>7</sup> e com os novos direcionamentos que a Antropologia passou a dar à noção de cultura popular, na compreensão das práticas desses novos movimentos sociais. A transição dos estudos sobre a cultura popular para a comunicação de massa ou indústria cultural apareceu em um momento muito particular na Europa (Estados Unidos, Inglaterra e Alemanha) e na América Latina.

No nosso caso, a emergência de novos sujeitos sociais em um contexto de expansão dos meios de comunicação sob censura (Ortiz, 1989), impulsionou diversos agentes e cientistas sociais a pensarem o significado dessas *novas* práticas, isto é, a refletir sobre a natureza desses movimentos sociais. Diversas leituras reducionistas da Teoria Crítica, apoiados basicamente em alguns escritos de Adorno sobre a *indústria cultural*, pareciam sucumbir diante das novas práticas midiáticas dos movimentos populares (rádios comunitárias, rádios-livres, reestruturação da imprensa sindical, greve dos jornalistas etc.). O *povo* encontrava formas alternativas de participação política direta, ganhando visibilidade nos meios de comunicação quando tudo parecia monoliticamente controlado.

A Antropologia, sob influência de Victor Turner e Geertz (Durham, 1997) e do impacto dos pioneiros do que se veio a chamar posteriormente de *Estudos Culturais* ingleses (Richard Hoggart, 1973 e Raymond Williams, 1969, 1979), desloca, em um primeiro momento, a concentração de estudos centrados na fábrica para um conjunto de práticas culturais populares. Aparecem os atores sociais na periferia, no bairro, nas práticas

---

<sup>7</sup> Gabriel Cohn, Maria Arminda do Nascimento Arruda, Orlando Miranda e Sérgio Miceli. A meu ver, Miceli com *A Noite da Madrinha*, foi o que mais se aproximou do projeto indicado pelo prof. Gabriel Cohn (1973): “uma estratégia de análise sociológica das relações entre sistemas simbólicos e sistemas sociais, aplicável a uma modalidade historicamente específica da sua manifestação...”.

culturais voltadas para o lazer, nas lutas urbanas por moradia, creches, hospitais, saneamento etc.

O atual destaque que a Antropologia vem tendo nos estudos de comunicação tem, portanto, uma história<sup>8</sup>, pois se trata da retomada de um contato estabelecido na América Latina pela chamada *Teoria das Mediações* ou *Culturalistas*, na figura de Jesús Martín-Barbero, como se pode ver:

“na redefinição da cultura, é fundamental a compreensão de sua natureza comunicativa. Isto é, seu caráter de processo produtor de significações e não de mera circulação de informações, no qual o receptor, portanto, não é um simples decodificador daquilo que o emissor depositou na mensagem, mas também um produtor. O desafio apresentado pela indústria cultural aparece com toda a sua densidade no cruzamento dessas duas linhas de renovação – que inscrevem a questão cultural no interior do político e a comunicação, na cultura.” (Martín-Barbero, 1997: pág. 287)

Canclini, seguindo, também, esse redirecionamento da Antropologia (Mary Douglas, 2004), passa a tratar a produção de sentido no mundo dos objetos a partir de uma teoria sociocultural do consumo, na qual o processo de apropriação do sentido em condições sociais desiguais aparece como demarcadores de distinção, de integração e de diferenciação simbólica. (Canclini, 1992, 1996; Jacks, 1994; Lopes, 1995, 1997).

Cantú & Cimadevilla (1998), fazem observações importantes a respeito da noção de consumo cultural, tal como aparece na Teoria das mediações. Os autores apontam uma diferenciação entre as noções de consumo, recepção e uso nas práticas de consumo cultural. Por *consumo* pode-se entender o “conjunto de processos socioculturais nos quais se realiza a apropriação dos produtos”, condições de acesso aos meios de comunicação e aos equipamentos necessários para isso; por *recepção*, pode-se entender um modo particular de consumo dos meios, o ato de ver televisão, ouvir o rádio, ler o jornal que envolve a produção de sentidos negociados. No *uso* social é que se constrói a ponte entre a negociação dos sentidos e as práticas sociais cotidianas.

Esses processos de consumo, recepção e usos sociais dos bens simbólicos são experimentados por meio de mediações.

---

<sup>8</sup> Cultura e Comunicação são duas categorias que apresentam graus de generalidade semelhantes, capazes de abranger quase tudo que existe no mundo social. Quanto aos primeiros ensaios de aproximação entre essas áreas veja obra de Edmund Leach de 1976 com o título: *Cultura e Comunicação* e *A Situação Negligenciada* de Erving Goffman que é de 1964.

Mediações estão relacionadas a situações de interação geradas a partir de determinados *lugares*, espaços sociais, “... propomos partir das *mediações*, isto é, dos lugares dos quais provêm as construções que delimitam e configuram a materialidade social e a expressividade cultural da televisão.” (Barbero, 1997 p. 292. Esses lugares estariam relacionados com a cotidianidade familiar (espaço cotidiano onde a TV se insere), a temporalidade social (a cotidianidade e a temporalidade gerada pela TV) e a competência cultural necessária para o reconhecimento prático dos gêneros televisivos.

Orozco (2005) explora a noção de *mediação* de modo bastante original, identificando múltiplas formas de mediação em vários aspectos da produção de sentido: cognitiva, situacional, tecnológica, institucional e de referência. Observa uma diferença importante entre as *comunidades de apropriação* e as *comunidades interpretativas*.

As questões levantadas pela conjuntura social, política e acadêmica latino-americana indicavam não somente a necessidade de se constituir a comunicação como objeto de estudo como reposicionar o papel da recepção. A teoria das mediações teve um papel de destaque nesse reposicionamento, enfrentando uma série de resistências.

Tendo identificado alguns pontos de articulação com as Ciências Sociais, faz-se necessária uma avaliação crítica dos usos do termo mediação presente nos estudos latino-americanos. Muitas vezes, ele se refere a processos de interação a partir de situações e contextos nos quais a produção de sentido pode ser efetivamente realizada: os contextos de interação social.

Entendo que essa observação, no momento em que foi formulada (luta pela democratização, novos movimentos sociais), contribuiu para uma destruição de certo estruturalismo vulgar, que não deixava lugar aos sujeitos do processo histórico. Abandonou também a idéia da indústria cultural como um bloco monolítico, sem contradições. Entretanto, o termo mediação assim formulado não deixa de ter seus problemas.

### **A necessidade de uma *teoria da ação* bem definida.**

O esboço de uma teoria da ação, apresentada por Bourdieu, articulada em torno das noções de *doxa*, *habitus*, *senso prático*, *Illusio*, *campo* e *poder simbólico*, indicam que é preciso encontrar, simultaneamente ao contexto da interação, as condições sociais de

objetivação da produção de sentido do mundo. Esses fundamentos da teoria bourdieusiana fazem referência direta a Marcel Mauss.

Para fins de análise, seria interessante indicar a importância do conceito de *habitus* – essas disposições corporais e simbólicas (*hexis/habitus*), que integram, sinergicamente, as experiências passadas ao presente e antecipam certas expectativas sobre situações futuras - como a *verdadeira* mediação presente no cotidiano :

A prática é, ao mesmo tempo, necessária e relativamente autônoma em relação à situação considerada em sua imediatez pontual, porque ela é o produto da relação dialética entre uma situação e um *habitus* – entendido como um sistema de disposições duráveis e transponíveis que, integrando todas as experiências passadas, funciona a cada momento como uma *matriz de percepções, de apreciações e de ações* – e torna possível a realização de tarefas infinitamente diferenciadas, graças às transferências analógicas de esquemas, que permitem resolver os problemas da mesma forma, e às correções incessantes dos resultados obtidos, dialeticamente produzidos por esses resultados.” (Bourdieu, 1983 p. 65)

O que as situações, os contextos de interação, produzem só podem ser reconhecidos pelas disposições de reconhecimento e autoridade que ativam no processo de interpretação. O contexto de interação só pode funcionar como parte do processo de mediação porque é interpretado a partir de experiências passadas, por disposições incorporadas como princípio de articulação de ações presentes. As lutas simbólicas são constituídas pela originalidade com que os agentes sociais recriam, a partir de suas experiências passadas (incorporadas como modos de percepção e apreciação do mundo, como modos de reconhecimento de seus lugares e do lugar dos outros no mundo social) os novos sentidos de suas práticas, as novas representações sobre suas posições no mundo.

O *habitus* é esse *princípio gerador de improvisações regradas*, isto é, a mediação que permite aos agentes sociais a sua entrada em um jogo social (em andamento), que os orientam de modo prático em suas táticas e estratégias, que cria as condições para o aparecimento de seus porta-vozes, que reformulam as regras implícitas com que se constrói a doxa. Segue-se, ao que foi dito, o seguinte:

“A Sociologia chama a atenção para o fato de que não é a palavra que age, nem a pessoa, permutável que a pronuncia, mas a instituição. Ela mostra as condições objetivas que devem ser reunidas para que a eficácia de tal ou tal prática social seja exercida. Mas ela não pode parar por aí. Ela não deve esquecer que, para que isso funcione, é preciso que o ator acredite que ele se encontra no princípio da eficácia da ação.” (Bourdieu, 1983)

Ajustar teoricamente o significado das práticas sociais, a possibilidade de criação e improvisação em contextos sociais particulares, frente ao mundo construído como instituição é o desafio de uma teoria da prática (como teoria da comunicação e do consumo cultural).

Essa questão tem um caminho tortuoso nas Ciências Sociais e mais ainda na Teoria Literária e na Lingüística. Trata-se da delicada questão das fronteiras entre disciplinas.<sup>9</sup>

Essa fronteira tem sido ocupada pela Pragmática e tem afetado, também, as novas tendências presentes na Análise do Discurso, já que “o chamado ‘conteúdo’ de uma obra é atravessado na realidade pelo retorno às suas condições de enunciação” (Maingueneau, 2001 pag. 22; Marcondes, 1992).

Vale, uma vez mais, lembrar as observações de De Certeau (1998) ao constatar que todo consumo cultural está atravessado por estratégias e táticas como um jogo, gerando um sem número de práticas de resistência nesse tipo de experiência e fruição. Entretanto, é preciso lembrar, também, que essa *infinitude* de práticas não é necessariamente produzida por um ato criativo consciente, mas por uma espécie de *esquemas gerativos práticos*, como foi visto acima.

Se as estratégias comportam todo o processo de racionalização da produção industrial de lazer, entretenimento e notícia (e seus respectivos porta-vozes), as táticas funcionam como *margens de manobra* no contexto de falta de controle dos agentes sobre os meios de produção da ordem simbólica (e da ordem social, econômica e política também). São práticas, usos sociais de *resistência* que não costumam deixar vestígios permanentes no tempo e no espaço, não podem ser capitalizadas e seus efeitos são, na maioria das vezes, provisórios. Práticas que, por sua natureza, encontram justamente uma dificuldade na produção de seus porta-vozes:

“Ela não tem portanto a possibilidade de dar a si mesma um projeto global nem de totalizar o adversário num espaço distinto, visível e objetivável. Ela opera golpe por golpe, lance por lance. Aproveita ‘ocasiões’ e delas depende, sem base para estocar benefícios, aumentar propriedade e prever saídas. O que ela ganha não se conserva. Este não-lugar lhe permite sem dúvida mobilidade, mas numa docilidade aos azares do tempo, para captar no vôo as possibilidades oferecidas por um instante. (...) É astúcia (...) Em suma, a tática é a arte do fraco.” ( de Certeau, 1994 p. 100-101)

---

<sup>9</sup> Ver entrevista do sociólogo Erving Goffman a Yves Winkin. (Goffman, 1999 p. 236-243)

## **O cuidado ao ocupar-se com as fronteiras**

No que diz respeito à interpretação, sobre a produção de sentido na relação com a obra literária, Eagleton (1983) observa que ela será sempre um texto complexo para o qual não há qualquer segurança no estabelecimento de conexão entre sentido desejado pelo autor e o significado dado pelo receptor. Sob influência de Gadamer (*apud* Eagleton, 1983), os estudos literários de orientação hermenêutica mostram que tudo aquilo que um texto nos diz depende das perguntas que fizermos a ele. Se alguém fizesse a pergunta ideal da qual ele pretendeu ser a resposta, talvez um possível sentido bem delimitado pudesse ser encontrado.

No entanto, seguindo a idéia central deste texto, a questão volta-se constantemente para as condições de enunciação, a questão da instituição e do poder nos atos de leitura (das obras e do mundo).

Aparentemente, essas análises da teoria literária introduzem um relativismo total, uma espécie de *individualismo metodológico interpretativo*, no interior do qual qualquer leitura torna-se possível.

A questão que se coloca: a quem e em quais condições são dadas, reconhecidas e autorizadas certas leituras? Com quais conseqüências?

Esse relativismo, muitas vezes, é compensado com expressões como *estratégias de leitura, horizonte de significados, potencial recepcional, estratégias de interpretação* capazes de limitá-lo, mas quase nunca são desenvolvidas por escaparem ao campo da Língua.

Vejam como a questão aparece em Stierle:

“ A recepção abrange cada uma das atividades que se desencadeia no receptor por meio do texto, desde a simples compreensão até a diversidade das reações por ela provocadas – que incluem tanto o fechamento de um livro, como o ato de decorá-lo, de copiá-lo, de apresentá-lo, de escrever uma crítica ou ainda de pegar um papelão, transformá-lo em viseira e montar a cavalo (...) Independentemente das múltiplas reações possíveis e não teorizáveis, há uma conexão complexa das camadas instauradoras da recepção, que se oferecem para a apreensão teórica (...) A tarefa de uma teoria formal da recepção deve ser formular este potencial recepcional, independente da sua atualização particular e condicionada por interesses mutáveis” (Stierle, 2002 pag. 121)

Nesse caso, se todo o processo de interpretação só ocorre porque existe uma redução do horizonte de significados ou um potencial recepcional, iniciado no contato com

o texto, é preciso reconstituir o universo social (campo/doxa/poder simbólico); as disposições(*habitus*) dos espectadores, usuários, leitores; os esquemas de percepção de apreciação do texto que são adquiridos justamente em nossa trajetória e experiência no mundo.

Wolfgang Iser considera o texto como um campo de jogo orientado pela existência de esquemas que se consolidam historicamente e que passam a servir como uma espécie de senso prático para o leitor:

“Assim como os esquemas nos capacitam a nos acomodarmos a objetos, assim também nos concedem assimilar objetos de acordo com nossas próprias inclinações. (...) Todos os papéis – como temos de nos lembrar – se caracterizam por uma duplicidade intrínseca: representam algo que visam projetar e, contudo, simultaneamente carecem de controle total sobre a meta intencionada. Deste modo, sempre há um elemento no papel de jogo que escapa do domínio do jogador. (Iser, 2002 pg.111-115).

Qual a relação entre a leitura das obras literárias, das produções midiáticas, e a leitura do mundo produzida nos e pelos agentes sociais? O mundo social existe para ser lido apenas? Como articular esse problema na Lingüística, na Semiótica e nas Ciências Sociais?

Trata-se de compreender a possibilidade de vinculação entre a produção de sentido e as condições sociais de sua produção, as condições de sua enunciação. Esse projeto passa por diversos outros autores das Ciências Sociais e da Lingüística. O primeiro passo na formulação de um projeto interdisciplinar é a originalidade na formulação de problemas verdadeiramente interdisciplinares. É impossível a um único pesquisador desenvolver uma reflexão solitária dessa dimensão.

Como já foi dito, a dificuldade de um trabalho interdisciplinar não está no número de disciplinas que o integram ou qualquer coisa do gênero, mas na dificuldade de configuração de problemas e na *administração* do trabalho interdisciplinar que conduzirá a algumas configurações teóricas e metodologias: um plano de estudos interdisciplinares possíveis.

Explicitamente, compartilho a idéia de que a sociologia de Pierre Bourdieu (pensar com e até mesmo contra Bourdieu) leva, ao menos, à definição das grandes questões a serem respondidas nesse plano de estudos interdisciplinares no campo da comunicação. Ela estabelece uma articulação possível entre as Ciências Sociais e a Pragmática, por meio dos problemas que ajuda a formular.

É preciso ressaltar que a falta de formação dos cientistas sociais no campo da comunicação pode produzir um considerável prejuízo nas formas de entendimento das práticas sociais.

A retomada desses debates no campo das Ciências Sociais deve passar por um diálogo com a Pragmática e com o campo da comunicação de uma forma genérica.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BLUMER, Herbert. *A Natureza do Interacionismo Simbólico*. In: MORTENSEN, C. David. *Teoria da Comunicação: textos básicos*. São Paulo, 1980
- BOURDIEU, Pierre. *Bourdieu*. Org. Renato Ortiz. São Paulo: Ática, 1983
- \_\_\_\_\_. *Questões de Sociologia*. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983a.
- \_\_\_\_\_. *A Economia da Trocas Simbólicas*. 2.ed. São Paulo: Perspectiva, 1987.
- \_\_\_\_\_. *O poder simbólico*. Lisboa: Difel, Rio de Janeiro: Bertrand, 1989.
- \_\_\_\_\_. *A Economia das Trocas Lingüísticas*. São Paulo: Editora da USP, 1996a
- \_\_\_\_\_. *Regras da Arte*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996b.
- \_\_\_\_\_. *Razões Práticas*. 1ª reimpressão, Campinas/SP: Papyrus, 1997.
- CANCLINI, Nestor G. Los estudios sobre comunicacion y consumo. *Dia-logos de la Comunicacion*. Lima: Felafacs, 32, mar.1992. p. 8-15
- \_\_\_\_\_. *Consumidores e Cidadãos*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1996.
- CANTÚ, Ariadna, CIMADEVILLA, Gustavo. Orientación, consumo, recepción y uso de los medios: una propuesta de articulación conceptual. *Revista Brasileira de Ciências da Comunicação: recepção & consumo*. n.2, jul./dez. 1998.p.41-54
- CASTORIADIS, Cornelius. *As Encruzilhadas do Labirinto II- os domínios do homem*. São Paulo: Paz e Terra, 2002
- COHN, Gabriel. *Sociologia da Comunicação: teoria e ideologia*. São Paulo: Pioneira, 1973.
- DE CERTEAU, Michel. *A invenção do cotidiano*. 3.ed. Petrópolis/Rj: Vozes, 1994.
- DOUGLAS, Mary; Isherwood, Baron. *O mundo dos bens*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2004.
- DURHAM, Eunice R. A Dinâmica Cultural na Sociedade Moderna. *Ensaio de Opinião, 1977 p.33-35*
- GOFFMAN, Erving. *Os Momentos e os seus Homens*. Org. Yves Winkin. Lisboa: Relógio D'Água, 1999
- GIRARDI JR., Liráucio. *A Sociologia de Pierre Bourdieu e o Campo da Comunicação*. Tese de Doutorado: USP, 2004
- \_\_\_\_\_. Poder Simbólico, Mídia e Cidadania. *Communicare*. Vol. 5, n. 1, 1º sem. 2005
- HALL, Stuart. *Da Diáspora: identidades e mediações culturais*. Belo Horizonte, UFMG, 2003.
- HOGGART, Richard. *As Utilizações da Cultura*. Lisboa: Editorial Presença, 1973.
- JACKS, Nilda. *Tendências Latino-Americanas nos Estudos de Recepção*. Texto apresentado no GT Comunicação e Recepção XVII Intercom, Piracicaba, 1994.
- <[http://www.pucrs.br/famecos/pos/revfamecos/5/nilda\\_jacks.pdf](http://www.pucrs.br/famecos/pos/revfamecos/5/nilda_jacks.pdf).>
- LEACH, Edmund. *Cultura e Comunicação*. Lisboa: edições 70, 1992
- LEVI-STRAUSS, Claude. *Antropologia Estrutural* 2 ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1985.
- LIMA, Luiz Costa (coord.). *A Literatura e o leitor*. 2.ed.(rev. e ampl.)São Paulo: Paz e Terra, 2002
- LOPES, Maria Immacollata Vassalo de. Recepção dos meios, classes, poder e estrutura. *Comunicação & Sociedade*, nº 23, S.B. do Campo: IMS, jun.1995 p.100-110

- \_\_\_\_\_. Explorações Metodológicas num estudo de recepção de telenovela. In: LOPES, Maria Immacollata V. de (org.) *Temas Contemporâneos em Comunicação*. São Paulo: Edicon/Intercom, 1997 p.151 a 166.
- MAINGUENEAU, Dominique. *O Contexto da Obra Literária*. São Paulo: Martins Fontes, 2001
- MARCONDES, Danilo. *Filosofia, Linguagem e Comunicação*. 4.ed. São Paulo: Cortez, 1992.
- MARTÍN-BARBERO, Jesús. *Dos Meios às Mediações*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1997.
- MAUSS, Marcel. *Sociologia e Antropologia*. São Paulo: Cosac & Naify, 2003.
- MEY, Jacob L. *As Vozes da Sociedade: seminários de Pragmática*. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2001.
- MICELI, Sérgio. *A Noite da Madrinha*. São Paulo: Perspectiva, 1972.
- MORTENSEN, David C. *Teoria da Comunicação: textos básicos*. São Paulo: Mosaico, 1980.
- ORTIZ, Renato. *A Moderna Tradição Brasileira* 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1989.
- OROZCO, Guilherme. O telespectador frente à televisão. *Communicare* vol. 5, n. 1, 1º sem. 2005
- WILLIAMS, Raymond. *Cultura e Sociedade*. São Paulo: Editora Nacional, 1969.
- \_\_\_\_\_. *Marxismo e Literatura*. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.
- WINKIN, Yves . (ed.) *Erving Goffman: os momentos e os seus homens (textos escolhidos) dos*. Lisboa: RelógioD'Água, 1999.